

Um Museu Religioso

Aloisius Carlos Lauth

Responsável pelo Museu Arquidiocesano D. Joaquim/Brusque

Queremos apresentar, neste texto, o rico acervo do Museu Arquidiocesano D. Joaquim, desde sua história ao estado atual. O momento cultural barriga-verde preza a constituição de entidades de preservação dos bens culturais, sem contudo, atender as necessidades geradas por tal política, como são as técnicas da conservação, a administração e a pesquisa social. O estudo dos acervos existentes revela a gama de dificuldades encontradas para agilizar estas entidades e assim possibilitar a definição de novos objetivos, voltados para a realidade catarinense.

Mais que um depositário cheio de vida e de ensinamentos, museu é qualquer situação de experiência que se traduz em referências ao homem, através da avaliação de seu passado, ou auxiliando na projeção de seu destino na sociedade. Uma coleção de móveis rústicos oferece uma visão da evolução dos jogos de quarto e o nível de vida do usuário. Já uma lagoa, inscrita em área de preservação ecológica, desperta a garantia da sobrevivência humana, a pesquisa e a técnica de controle da vida. Assim, nosso museu oferece condições de perceber a religiosidade popular, principalmente em área de imigração européia, meios e resultados alcançados. Possibilita quantificar o que se perdeu no tempo e qualificar os aspectos que permanecem. Ele está disposto em relação a este sentimento, dividindo-se nas seguintes partes:

1. objetos de arte sacra popular;
2. instrumentos de música sacra;
3. pinacoteca religiosa;
4. coleções botânicas, recolhidas em área de imigração;
5. coleções de zoologia;
6. coleções de mineralogia;
7. coleções de etnologia e arqueologia;
8. instrumentos de trabalho do homem (agrícola) e da mulher (fiação, tecelagem, confecção) e
9. objetos históricos do lugar.

Localização e Propriedade

O museu está situado na Valata de Azambuja, bairro do mesmo nome, em Brusque. Seu território colonial, inicialmente, fez parte da Colônia Príncipe d. Pedro, ocupada por americanos de Nova Orleans,

ingleses e irlandeses, re-imigrados dos Estados Unidos por ocasião da Guerra da Secessão.

A colonização se efetivou com a vinda de italianos de Treviglio, Itália, emigrados a 22 de outubro de 1875. Pactuaram eles, entre si, de permanecerem juntos em terras estranhas através da devoção a Maria. Sob este pacto, decidiram erguer ermida no ano de 1884 e, Capela em 1892. A frequência das visitas pastorais, as esmolas e uma graça de cura - inflamação de fratura exposta da perna do capelão - foi o motivo para construção, em 1902, de um prédio enorme para o hospital. Veio o asilo e depois o manicômio. Em 1927, a transferência do Seminário Menor, de Florianópolis para Azambuja, projetou a devoção mariana no Estado de Santa Catarina.

O antigo prédio do hospital foi construído pelo pe. Gabriel Lux (SCJ), fabricante-administrador, em linhas românicas de época atual e abriga hoje o acervo do museu. São três pavimentos com aproximadamente 2 mil metros quadrados, cujas peças estão dispostas em salas e corredores, dentro de padrões modernos.

É de propriedade legal da Mitra Arquidiocesana de Florianópolis, administrada por ecônomo local, assim como todos os bens do Santuário. A direção do museu está a cargo do reitor do Seminário Menor, coadjuvado por conservador e mais quatro funcionários que se revezam nos serviços de limpeza e recepção ao visitante.

Acervo Museológico

O acervo iniciou de uma coletânea de objetos do museu particular, doado por João Marques Brandão, um comerciante de Itajaí, em favor do Seminário Menor, na troca de subsistência e estudos ao filho, Alcino Brandão. Da coleção, existem algumas armas brancas, condecorações, numismática. A melhor peça, a encadernação dos jornais Novidades, por sua vez, foi entregue ao Arquivo da Sociedade Amigos de Brusque.

A segunda fase de constituição do museu ocorreu por ocasião do Centenário de Brusque. Pe. Raulino Reitz, lente de Ciências Naturais do Seminário, encabeçou a comissão pró-museu, como apoio de representantes da comunidade. Era objetivo apresentar em exposição objetos de uso da vida dos primeiros brusquenses. Mas, a idéia foi tão fascinante, que se chegou além. Munido de um instrumento eclesiástico de doação, o cientista saiu em busca da imaginária das igrejas, capelas e irmandades do Estado, cuja época de transição para a modernidade permitia 'aposentar' todos os objetos antiquados. Mais de 3 mil peças de valor museológico que teriam sido destruídas, provavelmente, após o Concílio Vaticano II, foram recolhidas, restauradas e identificadas. Assim nasceu o nosso museu. Já os

museus atuais são frutos de política promocional e turística, muitas vezes, não se comprometendo com o popular. Acrescenta-se ainda, que a empreitada foi de sucesso, alcançando o apoio do Patrimônio Histórico Nacional, representado por Alfredo Teodoro Rusins, técnico conservacionista. Sua presença fez pesquisar cada peça e orientar a exposição dentro de padrões aceitos para a época. Várias peças foram restauradas por sua influência.

O enorme material de exposição e a transferência do Seminário Menor para outro prédio engendraram uma requisição para se ocupar o velho prédio com o museu. Assim, o antigo Museu Arquidiocesano João Brandão passou a chamar-se Museu Arquidiocesano D. Joaquim, em homenagem ao primeiro arcebispo catarinense que, generosamente, doou a construção para abrigar o maior barriga-verde, senão o melhor! E, diga-se, mantido por entidade privada.

Na véspera do Centenário do Município de Brusque, 3 de agosto de 1960, as autoridades estaduais se reuniram com a comunidade para abrir, solenemente, as portas de sua memória religiosa. Olhar para o passado, acho que é perder um olho; mas não olhar, é perder os dois.

Os Santeiros

A imaginária sacra popular é de valor artístico extraordinário. Apresenta aspectos diferentes do tradicional nas artes. Assim, vivendo na floresta, o imigrante teve de confeccionar sua própria imaginária para as funções religiosas. Ocupou-se de todos os objetos de culto: altares, castiçais, bugias, candelabros, lampadários do santíssimo, matracas, umbelas, pulpitos, confessionários, porta-bandeiras, sinos, etc.. Na falta de uma formação acadêmica, usou a própria inventiva para criar cada objeto. Usou de material que estava ao alcance como cera, madeira, estanho, chumbo, argila, folhas de latão... De todos esses trabalhos, são marcantes as imagens dos santos, que assumem formas artísticas segundo os padrões pessoais do artista. Esses confeccionadores de santos são conhecidos por 'santeiros' da colônia. Vamos conhecer os significativos:

1. Angelo Moro (Leto), 1866-1945. Italiano de nascimento, imigrou para o Brasil em 1891 estabelecendo-se na Colônia de Nova Veneza. É autor do famoso Crucificado localmente conhecido por Cristo Grande, com um corpo de 1,70m e a cruz de 3,60m, que está ainda em veneração num oratório próximo a Nova Veneza. São de sua autoria a imagem de São José feita em madeira, de Santo Antônio de Pádua (do 'pescoço comprido') e mais nove outras.

2. Pedro Magagnin - Residia em Criciúma. É autor do famoso Santo Agostinho, imagem triangular, que sem dúvida, é a peça mais

original da Seção de Arte Religiosa Primitiva do Museu Arquidiocesano. Foi executada num taboão de cedro com 4 cm de espessura, em forma triangular. No ângulo superior acha-se a cabeça e nos dois ângulos de baixo estão fixas as mãos. Mede 0,56m de altura por 1,13m de largura. Foi entronizada no altar de Rio Maina, em 1915. Nas costas lê-se o escrito a lápis: "Fato de Pietro Magagnin dal 1915".

3. José Frasseto - (Canória ou Beppi Frasseto)- Santeiro, mais conhecido por Canória, vivia não longe de Urussanga. A sua peça é a imagem de São Roque, esculpida em madeira, no ano de 1891. Era venerada na igreja matriz de Siderópolis. Foi levada ao Museu Arquidiocesano em 1952.

4. Ângelo Cataneo - Sua imagem mais interessante é de São Miguel, 1915, data inscrita no pedestal da própria imagem. É de madeira e mede 1,05m de altura. São do mesmo autor as imagens de Santa Luzia e de Santa Inês, ambas executadas em madeira, em 1915, veneradas em capelas da paróquia de Urussanga. Entraram no Museu Arquidiocesano em 1952.

5. Cesare Zanluca - Imigrante italiano residente em Nova Trento, pela volta do século. Na sala a ele dedicada no Museu Arquidiocesano, estão expostas as seguintes peças de sua autoria: Nossa Senhora da Piedade, um crucifixo, São Luís e Nossa Senhora com o Bambino.

Provavelmente ele é o autor da encantadora imagem de São João Batista que é a representação fiel de um caboclinho. Certamente também são de sua autoria uma imagem de Nossa Senhora proveniente da capela da Barrá do Luis Alves e o Bom Jesus da Itinga, venerado na capela de Itinga da Paróquia de Tijucas.

Falhas e Faltas na Administração de um Museu

Nosso convívio com o museu sugere identificar alguns problemas, cujas soluções tentamos esboçar, logo a seguir:

1. Preconceito de que museu é coisa velha. Antigas experiências de museu histórico, inativo, aliado a má conservação e limpeza, criou esteriótipo semelhante.

Solução:

a) treinamento dos administradores em técnicas modernas de exposição museológicas e condução de bens de preservação;

b) aproximação dos acervos às atividades culturais do município, como pintura, música, lazer...;

c) atualização das práticas de exposição e organização do circuito do museu.

2. Desvinculamento do museu às atividades da educação. A educação formal, constituída com bases humanistas, prescinde dos centros de pesquisa, laboratórios. E também dos museus.

Solução:

- a) exposição das atividades de museu para as escolas primárias e incorporação do acervo nas disciplinas de conteúdo regional;
 - b) prática das exposições ambulantes em escolas, casas comerciais e financeiras...;
 - c) criação de periódicos ou revistas de circulação comunitária, divulgando a memória local;
 - d) aproximação dos museus ao circuito do turismo.
3. Embaraços financeiros - evite-se incentivar e criar entidades de bens de preservação sem base econômica estável.

Solução:

- a) adoção do acervo, ou parte dele, por entidade privada como fábrica, universidade, loja comercial...;
- b) dotação de verbas pelo Ministério da Cultura, através da política partidária, garantindo padrões mínimos de conservação, guarda e pesquisa;
- c) agilização dos meios já existentes e consolidação dos Conselhos Regionais, atingindo o nível profissional.

Um trabalho integrado museu-escola, museu-turismo, museu-cultura, só assim é possível criar uma nova cultura, onde o centro de atenção é o homem, objetivo de todo museu.

MUSEU RELIGIOSO

